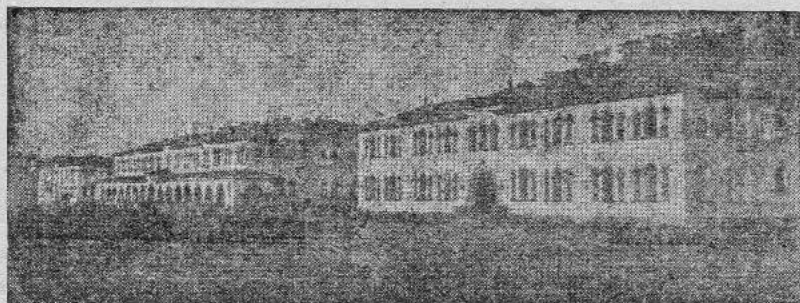


O CULTIVADOR

GERENTE

A. CASTRO

6767.6767.6767.6767



SECRETÁRIO

T. H. MATOS

6767.6767.6767.6767

Órgão Oficial, Informativo, Agrícola e Cultural da Escola Agrotécnica de Santa Teresa
ANO XII — São João de Petrópolis - (ES), OUTUBRO de 1959 — N.º 151

PEQUENA INDÚSTRIA

UMA PRÁTICA NECESSÁRIA NO MEIO RURAL

Ao se falar em INDÚSTRIA, tem-se, geralmente, idéia de grandes fábricas; de instalações custosas; de aparelhos e máquinas caríssimas, que fazem tudo sôzinhas; de técnicos e operários altamente especializados, etc. Realmente, assim é, mas, nas grandes indústrias como as Usinas de Açúcar, as Usinas Siderúrgicas, as grandes Fábricas de Conservas, as Fábricas de Papel, etc.

Contudo, INDÚSTRIA, também, são essas pequenas fábricas; essas instalações modestas e não muito caras; de aparelhagem e máquinas também simples, manejadas pelo próprio pessoal da lavoura, como as pequenas instalações de açúcar e rapadura; as de aguardente de cana; os «quitungos» de farinha de mandioca; as de produtos do leite, da carne, das frutas e hortaliças, etc., muitas destas tão comuns no meio rural. Porque, entendemos, indústria deve ser tudo o que é transformação, em escala industrial, grande ou pequena, de produtos da lavoura ou não, em outros produtos de mais fácil aproveitamento, de mais longa duração, de maior lucro.

Industrializar, portanto, é transformar, por exemplo, em açúcar, o caldo que se obtém pela moagem da cana. É, também, transformar, em papel, a celulose do bagaço de cana devidamente tratado. É, ainda, a transformação do minério de ferro em aço. É, enfim, a transformação de qualquer produto em outro industrial.

Apenas isto se faz em grandes ou pequenas indústrias. Em grande ou pequena escala. Com todos os recursos técnicos ou não.

As grandes indústrias, por razões óbvias, geralmente se concentram nas grandes cidades ou ao redor delas, como São Paulo, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Recife e mesmo Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, para citar o nosso Estado.

Já as pequenas indústrias são tipicamente do meio rural.

É verdade que muitas das grandes indústrias vêm buscar no meio rural, o produto a transformar (a matéria prima), como o leite, as frutas, as fibras, etc. Mas, quando elas se instalam numa pequena localidade do meio rural, na maioria das vezes essa localidade vem a se tornar um grande centro ou uma grande cidade, como aconteceu com Catende, em Pernambuco, Volta Redonda, no Estado do Rio, Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, além de muitos outros exemplos de, outrora pequenas comunidades e que, hoje, são grandes centros populacionais.

Embora a pequena indústria não tenha, com raras exceções, esse poder de fazer surgirem, decorrente de sua influência, esses grandes centros, colabora grandemente, o que não é menos importante para a fixação do homem à comunidade a que pertence, proporcionando-lhe mais conforto, maior lucro, mais meios de garantir trabalho durante todo o ano, além de concorrer para evitar o desperdício e a superprodução e concorrer para a criação de novas riquezas.

Também, não queremos dizer que as hoje pequenas indústrias não venham, amanhã, ser grandes indústrias. Até pelo contrário. Muitos têm sido os exemplos de pequenas que se tornaram grandes indústrias.

Praticar a pequena indústria é uma necessidade de todo lavrador, embora poucos, se dediquem verdadeiramente a isso. Faz-se necessário que se dê maior atenção ao problema, procurando incrementar a prática da pequena indústria no meio rural e melhorar as já existentes.

J. C.

Associação Rural de Santa Teresa

Em segunda convocação de Assembléia Geral Extraordinária realizou-se, no dia 10 de outubro, a eleição da nova Diretoria para o biênio 1959-1961, ficando assim constituída: Presidente - Dr. João Severiano Caldas da Silveira; vice-Presidente - Alfredo Afonso de Alcântara; 1.º Secretário - Tênisson Hora de Matos; 2.º Secretário - Adolfo Victor Herzog; 1.º Tesoureiro - Benjamin Bortolini; 2.º Tesoureiro - Hermoláú Coutinho; Conselho Fiscal - João Batista Caser, Dr. Alaôr Ferreira da Silva Pinto e Armando Rocon; para suplentes do Conselho Fiscal - Sabino Rásselli, Américo Loss Refelon e Henrique Venturini.

Visita de D. João Batista da Motta e Albuquerque

Recebido pelo Diretor da Escola e funcionários do corpo docente e administrativo, chegou, aqui, às 9 horas do dia 16 de outubro, procedente de Santa Teresa, S. Excia. Revma., D. João Batista da Motta e Albuquerque.

Após os cumprimentos dos presentes, esteve, ligeiramente, na Capela do Estabelecimento, dirigindo-se, depois, com o Diretor Dr. João Severiano Caldas da Silveira, Dr. Eugênio Holzmeister Filho e Dr. Alaôr Ferreira Pinto, a percorrer os campos e instalações agro-pecuário-industriais, observando os alunos em aulas práticas.

Depois do almoço na residência do Sr. Diretor, foi-lhe prestada homenagem no salão nobre, que ficou superlotado de alunos, servidores e familiares, tendo usado da palavra nesta ocasião, Dr. João Caldas, fazendo a apresentação; o Professor Al-

fredo Caldas, em saudação oficial e o aluno Adolfo Rafael Fava Neto, dizendo da honra e alegria que constituía para todos nós a visita do DD. Arcebispo, ofertando-lhe, em nome do Centro Social «Guia Lopes», uma flâmula da Escola.

Em agradecimento usou da palavra S. Excia. Revma., externando sua satisfação do contato com esta Escola, cujo trabalho engrandece e enobrece o Espírito Santo, assegurando ser seu desejo repetir a visita para uma aproximação maior com este educandário. Finalizou dizendo que no futuro, os homens farão justiça aos que se dedicam ao labôr desta Casa, portadores de tantos méritos hoje despercebidos.

Esteve em visita à Escola, no dia 4 de outubro, Dr. Castelo Branco, Médico em Colatina, acompanhado de sua Exma. Esposa, D. Maria de Lourdes e de seu eunhado Dr. Antônio Arruda e Senhora, D. Geralda Castelo Branco Arruda.

A convite do Centro Social «Guia Lopes», esteve em nossa Escola, no dia 4 de outubro, uma seleta embaixada do Grêmio Literário Escola de Comércio, de Colatina, dirigido pelo Senhor Elpenor Elias, fazendo parte da mesma o Diretor Dr. Moacyr Pagani com sua Esposa D. Léa Pagani e filhas Nina Maria e Dolores Maria.

Os visitantes preliaram, amistosamente, conosco, levando boa impressão da Escola, da disciplina dos educandos.

No dia 18 de outubro visitou-nos uma turma do «Conde de Linhares», de Colatina, sob a direção do Professor Hélio Albano e da Professora Menegatti, fazendo parte da mesma, nosso ex-aluno Wanildo Janes e sua noiva, senhorinha Teresa Vitalli, Professora.

Os visitantes disputaram algumas partidas esportivas conosco, levando boa impressão de tudo que aqui viram.



Não existe Ventre Caído

Do Livro «Se a Criança Votasse...»
Dr. JOLINDO MARTINS

Quem já não ouviu dizer que «Joãozinho ou Mariazinha morreu de ventre caído»?

Essa não é conversa comum apenas entre comadres, mas muito frequente também nos ambulatórios, dispensários e consultórios de clínica infantil.

Todo médico de crianças ouve frases semelhantes quase todos os dias; e ao ouvi-las, procura curiosamente saber da mãe:— mas, o que é ventre caído?

E essa pergunta êle faz, porque em todos seus livros, compêndios, revistas, jornais e tratados de pediatria, êle nunca encontrou qualquer referência a essa doença, que, na boca do povo, tanto atinge ou tanto mata a criança.

Confessamos que já fizemos essa pergunta milhares de vezes e que nunca obtivemos resposta satisfatória. Algumas mães dizem, quando lhes perguntamos os sintomas, que «a criança ficou estuporada» (e nós ao ouvi-la também ficamos),— outras falam em «desande», (isto é, diarreia), um grande número diz que «uma perna encurtou», e a grande maioria responde com o já clássico:— «Agora é que o senhor me enrascou...»

A verdade é que a mãe fica «enrascada» para responder, porque também ela não tem a menor idéia do que seja essa doença que não existe. Se ela falou em «ventre caído» é apenas porque ouviu isso da vizinha, da comadre, ou da avó.

Sempre existe uma vizinha que conhece uma mulher «que sabe benzer de ventre caído» e sempre existe uma ignorantona que atribui a si mesma, poderes sobrenaturais para

curar com uma «reza» a doença fantasma, a doença que não existe.

E então, de duas uma:— ou a criança cura, porque na verdade tinha apenas um distúrbio ligeiro, ou a criança morre, e nêsse caso a benzedeira explica que o caso era de «ventre caído passado».

E assim, mais uma cruz tôca se ergue na encosta vermelha do bairro de Santo Antonio, não porque a criança tivesse alguma doença grave ou incurável, mas apenas porque grande parte de nossa população ainda acredita em «ventre caído» e ainda crê em benzedeadas.

Ora, eventuais leitores, já é tempo de acabarmos com isso. E só conseguiremos repetindo em tôdas as oportunidades que tivermos:

Nenhuma doença se cura com benzimento.

Amigo Lavrador!

Faça de «O CULTIVADOR» seu auxiliar na lavoura por apenas Cr\$ 20,00 anuais.



Este Jornal é composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Escola Agrotécnica de Santa Teresa.

QUEBRA - VENTOS

SUA FORMAÇÃO E VANTAGENS

Os QUEBRA-VENTOS são constituídos por fileiras duplas ou triplas de árvores plantadas com espaços reduzidos a fim de formarem uma muralha vegetal protetora contra os ventos predominantes na região. No Sul têm larga aplicação para defender os pomares contra as geadas trazidas pelos ventos que sopram dos Andes. Noutras regiões se procura obter proteção contra os ventos secos e quentes que esturricam as plantações. Mesmo as pastagens melhoram em qualidade e rendimento, apesar da diminuição da área de pastos pelas faixas de árvores. Noutras países os quebra-ventos constituem há séculos um patrimônio dos agricultores e pecuarista, sem os quais estes estariam impedidos a continuarem exercendo sua atividade.

O efeito dum quebra-ventos se faz sentir de modo decisivo pelo abrandamento dos ventos na distância dez vezes maior que a altura das árvores que o formam. Desejando proteger árvores grandes, plantam-se linhas sucessivas em distâncias 15 vezes maiores que a sua altura, conseguindo com êste distanciamento ainda uma muito boa proteção. Onde os ventos sopram em direções muito variadas, o plantio de quebra-ventos deve ser iniciado nos espigões do terreno, acompanhando os pontos mais altos e completado por renques transversais ao longo das cercas ou beirando os campos de culturas, a fim de formarem em conjunto uma rede protetora que veda á penetração dos ventos de qualquer direção.

Como os quebra-ventos projetam sombra e retiram umidade e elementos fertilizantes da terra, uma faixa de 15 a 20 metros em ambos os lados torna-se improduti-va. Porém esta faixa também possui uma grande utilidade: mantida limpa de más ervas e capins, serve de aceiro contra os incêndios dos campos e protege o próprio quebra-ventos contra o fogo. Devido ao perigo de incêndios, é desaconselhável o emprêgo de PAU-JACARÉ e do CIPRESTE onde prevaleça o sistema das queimadas. O EUCALÍPTO é muito recomendável porque tem um desenvolvimento rápido, porém perde a ramagem na parte baixa do tronco, por onde os ventos penetram com maior força, inutilizando o renque se não houver outra fileira de árvores que suporte o sombreamento e a concorrência dos EUCALÍPTOS e mantêha cerrada ramagem à baixa altura. Para êsse

fim servem a CEDRO, a NOGUEIRA-DE-IGUAPE e o ESPINHEIRO-DA-VIRGÍNIA todos refratários ao fogo. Serve também o BAMBÚ e a CAROBA-DOS-CAMPOS. As distâncias entre as árvores que constituem o quebra-ventos deve ser pequena. Dependendo das espécies usadas, entre três e cinco metros. Para evitar reclamações dos vizinhos, é aconselhável formar o primeiro quebra-ventos a distância não inferior a 15 metros do limite da propriedade.

O efeito dos quebra-ventos reside no abrigo que proporcionam às terras contra os efeitos dos ventos. Êstes absorvem umidade das plantas de cultura e da terra, esturricando as pastagens. Muitas culturas podem falhar totalmente quando expostas aos ventos inclusive a do cafeeiro, cujas flôres quando atingidas por vento forte, murcham sem permitir a fecundação. Também é menor a queda das fôlhas e com isto as culturas protegidas por quebra-ventos conservam-se mais viçosas e dão maiores colheitas. Os pastos protegidos por quebra-ventos produzem forragem mais tenra durante mais tempo do ano e permitem pastoreio de maior número de animais, e os próprios animais são beneficiados pela sombra proporcionada pelas árvores.

Na escolha das essências arbóreas para formar o quebra-ventos não apenas influi o clima, a rapidéz do desenvolvimento, a resistência ao fogo e a persistência da folhagem durante todo o ano. Ainda deve-se procurar árvores que proporcionem algum proveito, pelo que o Bambú-Gigante sobressai como fornecedor de excelente material para construção rústica e a Nogueira-do-Iguape pelo rendimento de seus frutos oleaginosos. As diversas espécies de Eucalípto dificilmente podem ser substituídas por outras árvores, e também produzem renda, pois podem ser desbastados de tempos em tempos e sua madeira aproveitada. Enfim, a terra ocupada por um quebra-ventos bem formado paga um bom rendimento e todo agricultor que reside em zona fustigada pelos ventos, devia iniciar sua formação. Quebra-ventos formados em linhas sucessivas, protegendo áreas consideráveis, podem perfeitamente alterar o clima da região. Isto já foi conseguido nos Estados Unidos, onde o plantio obrigatório de quebra-ventos acabou com as terríveis tempestades de areia e também em Israel foram recuperados largos trechos de desertos e convertidos em férteis campos de culturas pela formação de quebra-ventos em posições estratégicas e bem distribuídas.

(Transcrito de Chácaras e Quintais

Feijão guandu em conserva

O preparo do feijão guandu ou guando em conserva, como se fôra uma espécie de petit-pois de guando, requer as seguintes operações:

- 1) Colher vagens verdes.
- 2) Descascar à mão, evitando quebrar os grãos.
- 3) Lavar os grãos em água corrente.
- 4) Ferver durante 10 a 15 minutos.
- 5) Refrescar rapidamente em água fria.
- 6) Escorrer em peneira de taquara.
- 7) Encher os vidros de conserva.

8) Preparar uma sálmoura temperada: 1.000 cm³ de água, 30 g. de sal, 15 g de açúcar, gotas de limão ou vinagre, alho, cebolinha e cravo. Ferver a salmoura durante 10 a 15 minutos.

10) Colocar a salmoura quente sobre os grãos nos vidros e deixando livres 2 cm entre a tampa e o conteúdo.

11) Tirar as bolhas de ar com uma faca.

12) Fechár os vidros de conserva.

13) Esterilizar em autoclave doméstica ou industrial a 10 lbs de pressão durante 55 minutos para vidros de meio litro.

O Serviço de Extensão Agrícola no Brasil está distribuindo nos seus Escritórios Regionais as autoclaves domésticas para a conservação de alimentos não ácidos, como é o caso do guandu enlatado.

AMAURY H. DA SILVEIRA
Engenheiro-agrônomo



EXPEDIENTE

"O CULTIVADOR" é um órgão de divulgação mensal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender às lasses produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica de Santa Teresa.

São seus colaboradores os professores e funcionários desta Escola.

"O CULTIVADOR" aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de todas as pessoas interessadas no mágnio problema da produção.

Assinatura Anual — CR\$ 20,00.

CORRESPONDÊNCIA

Redação de "O CULTIVADOR"
Escola Agrotécnica
São João de Petrópolis
Estado do Espírito Santo

O enxofre é necessário à planta. Concorre para o crescimento das raízes. Facilita a formação de nódulos nas raízes das leguminosas. Estin u-la a produção de sementes. Ajuda na solubilização do fósforo e ativa o desenvolvimento das plantas.

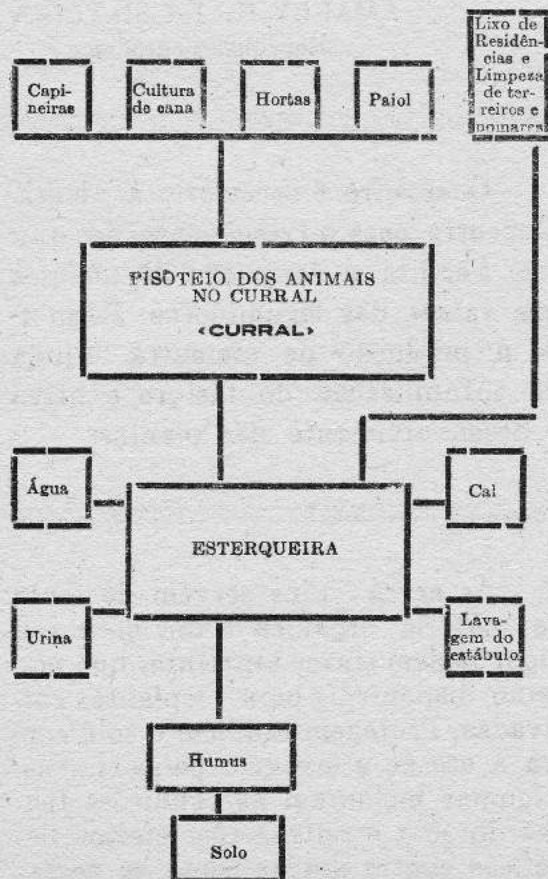
As ervas ruins servem de fonte de matéria orgânica e devido a seu vigor podem trazer nutrientes que não estão disponíveis para as plantas cultivadas. Protegem também o solo contra a erosão e lavagem pelas chuvas. Algumas melhoram as condições físicas do solo e outras têm efeitos benéficos contra pragas como os nematóides.

Como aproveitar os resíduos de uma PROPRIEDADE AGRÍCOLA

Naturalmente, em toda propriedade agrícola, existem e sobram resíduos vários, não só trazidos de outras partes, como também provenientes das diversas limpezas (terreiros, estábulos, hortas e residências). Entretanto, a maior fonte de matéria orgânica está no capim, na palhada de cana, que são trazidos para as cocheiras a fim de alimentar os animais.

Dispondo desses elementos, será fácil ao lavrador obter matéria orgânica em quantidade suficiente para as necessidades sempre crescentes das várias culturas a serem realizadas. Como um dos maiores problemas de nossas terras está na falta acentuada de húmus, que somente será obtido através de frequentes e maciças adubações orgânicas, não resta outra alternativa aos lavradores, que aproveitar ao máximo as suas disponibilidades, para obter volume suficiente desse adubo e assim suprir o seu contínuo consumo.

A forma mais simples de se conseguir



esse adubo, embora existam muitos métodos, está no famoso método «INDORE», que é a associação dos diversos restos de culturas, capins diversos, pontas de cana, etc. utilizados na alimentação dos animais, que após sofrerem pisotêio dos mesmos são levados juntamente com estrume e urina a lugares apropriados (esterqueiras) para sua mais rápida decomposição. Esses lugares podem ser cobertos ou simplesmente em valas para sua retenção. Naturalmente a simples colocação desse material nas esterqueiras não indica que o mesmo está pronto para ser lançado ao solo. Necessário se torna que seja facilitada a fermentação e consequente decomposição daqueles «restos».

Assim sendo, são muito importantes, regas frequentes e abundantes.

O tempo exigido para uma completa decomposição de material misturado irá depender da qualidade deste, bem como da quantidade de água das regas.

O revolvimento periódico na esterqueira facilitará, e é mesmo importante para sua transformação em adubo de ótima qualidade. Usa-se também cal para facilitar sua decomposição mais rápida.

Em alguns métodos, o uso de fósforo e potássio é recomendado sendo porém dispensáveis desde que nas adubações sejam adicionados esses elementos, com maior aproveitamento, já que ácido húmico necessário à sua transformação e consequente assimilação será fornecido em quantidade suficiente.

O esquema ao lado dá uma idéia de como se poderá preparar tal adubo.

Cuidados na aplicação de PARASITICIDAS

JORGE VAITSMAN
Médico-Veterinário

O uso dos parasiticidas (inseticidas, carrapaticidas, sarnicidas, etc.) em veterinária visa, principalmente, eliminar os carrapatos, a sarna, o berne e as bicheiras, que afligem os animais domésticos. Existe uma série enorme de produtos com a mesma finalidade, isto é, que têm ação sobre os parasitos, embora sejam apresentados comercialmente sob variados aspectos. Uns são líquidos, outros são em pasta e ainda outros são vendidos em forma de pó. Às vezes, com o mesmo nome, um produto tem várias apresentações (líquido, pó, pasta). O criador precisa, portanto estar atento a esta grande diversidade de drogas. Antes de aplicar qualquer delas, deve ler com cuidado as bulas que explicam a dosagem e o modo de aplicar. Um erro na dosagem pode ter duas consequências, no mínimo: 1) intoxicar ou mesmo matar o animal medicado, por excesso de substância venenosa para o parasito; 2) não produzir o efeito esperado, embora o produto seja de boa qualidade e eficiente.

O modo de aplicação do produto, se em banhos, se em pulverizações, também possui importância. Já temos visto, por exemplo, criador aplicar sobre o berne produtos puros, sem diluição, quando a bula manda primeiro juntar água à pequena quantidade da droga. Em alguns casos, pode não haver nenhum inconveniente para o animal, o que é sempre duvidoso, mas, pelo menos, o criador desperdiça dinheiro, pois os mesmos resultados podem ser obtidos com menor quantidade do produto.

O mercado de drogas anda cheio de produtos parasiticidas. O primeiro cuidado do criador ao adquirir qualquer deles é verificar se o mesmo está registrado no Ministério da Agricultura. Este registro não é gratuito. Só é feito depois que os técnicos da Divisão Sanitária Animal verificam suas qualidades e se as recomendações da bula e rótulo são honestas. Assim, o criador não deve adquirir nenhum produto sem a prova do registro, ou quando o mesmo não estiver acompanhado da bula descritiva sobre as dosagens e modo de aplicações.

O combate aos parasitos perniciosos para o gado exige muito cuidado, e não deve o criador fazer experiências por conta própria ou a pedido de interessados. Para vencer os carrapatos, as sarnas, as moscas, etc., o criador deve ter como regra só comprar drogas já aprovadas pelo Ministério da Agricultura e fazer a aplicação das mesmas com o rigor determinado pelos fabricantes e aprovado pelos técnicos.



Plano de Renovação da Cafeicultura

A Comissão Executiva de Assistência à Cafeicultura elaborou e pôs em execução um plano visando à renovação das lavouras cafeeiras deficitárias.

O plano tem a seguinte redação:

1) A Comissão Executiva de Assistência à Cafeicultura, tendo em vista o que dispõe a letra «b» do art. 2.º do Decreto número 41.651, de 4 de junho de 1957, resolve destinar dos recursos a que se refere o art. 1.º do mesmo Decreto, até a importância de Cr\$ 1.000.000.000,00 (Um bilhão de cruzeiros) para operações destinadas à renovação da cafeicultura, de preferência em regiões produtoras de tipos finos e em propriedades que já possuam instalações adequadas ao preparo do produto.

2) Os financiamentos serão feitos através do Banco do Brasil, com o qual a CEAC contratará a execução desta resolução, obedecidas as seguintes normas básicas:

a) Os cafeicultores interessados deverão apresentar ao Banco do Brasil um plano de renovação de suas lavouras, em bases técnico-agronômicas modernas, feito ou aprovado pelas Secretarias de Agricultura dos respectivos Estados ou ainda por agrônomo do IBC;

b) Para cada cafeeiro a ser plantado, deverá corresponder a erradicação, na mesma propriedade, de 3 cafeeiros, no mínimo, considerados antieconômicos.

c) O financiamento será concedido para um máximo de 50.000 cafeeiros novos, à base de Cr\$ 50,00

(cinquenta cruzeiros) por pé, assim distribuídos:

I) Cr\$ 15,00 para a erradicação dos três cafeeiros antieconômicos correspondentes.

II) Cr\$ 20,00 durante o primeiro ano, por cafeeiro plantado, de muda;

III) Cr\$ 10,00 durante o segundo ano;

IV) Cr\$ 5,00 durante o terceiro.

d) O financiamento será concedido ao prazo de 6 anos, sendo que durante os três primeiros anos de vigência do contrato, o devedor estará isento de quaisquer pagamentos; o débito apurado no fim do 3.º ano, com juros de 7% a.a. capitalizados anualmente, será liquidada em 3 prestações anuais consecutivas, vencíveis em 31 de outubro de cada ano, na seguinte proporção:

20% no 4.º ano

30% no 5.º ano

50% no 6.º e último ano.

As prestações de resgate acima referidas serão acrescidas de juros também à taxa de 7% a.a. sobre o saldo devedor em aberto.

3) Ao Banco do Brasil competirá o exame e julgamento das garantias bancárias oferecidas tendo em vista a segurança da liquidez do financiamento.